

Política distancia FH do meio acadêmico

Josemar Gonçalves - 3/2/97



D. Ruth, assim como FH, tem evitado os eventos acadêmicos

JORNAL DO BRASIL

Salão onde brilhou o sociólogo hoje é hostil ao presidente

LAURA GREENHALGH

SÃO PAULO – Não convida o presidente Fernando Henrique Cardoso e o sociólogo Fernando Henrique Cardoso para fazer a mesma palestra. Os dois faltarão, diz uma piada que corre nos meios universitários. Desde que assumiu a presidência da República, o “príncipe da sociologia brasileira” tem mantido distância da academia. Isso deverá ser confirmado quarta-feira, na abertura do encontro anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs), em Caxambu (MG).

O encontro vai comemorar os 20 anos da Anpocs, que reúne 1.200 sociólogos, cientistas políticos e antropólogos. Serão cinco dias de debates e apresentação de trabalhos. Nem assim, o presidente, convidado de honra, comparecerá. Fernando Henrique enviou uma carta de saudação pela data, mas alegou ter outros compromissos. O mesmo fez sua mulher, a antropóloga Ruth Cardoso.

Fernando Henrique tem a justificativa da agenda carregada de chefe do governo. No entanto, muitos acadêmicos acham que o presidente já não se sentiria à von-

tade no seu ninho de origem, onde antigos colegas hoje fazem críticas ácidas ao seu governo. Há antecedentes. No mês passado, o presidente era esperado no encontro da Associação Latino-Americana de Sociologia (ALAS), no Memorial da América Latina, em São Paulo. Um encontro internacional do qual participaram pesos-pesados como o sociólogo francês Alain Touraine, velho amigo do casal Ruth e Fernando Henrique.

Consta que o presidente exultou ao ser convidado a fazer uma das palestras, numa recaída nostálgica. Mas recuou e teria dito: “Esse esse encontro é contra mim”. Mandou uma carta de desculpas, lida sob vaia pelo presidente da entidade, o sociólogo Emir Sader. Dias depois, Fernando Henrique hospedou Touraine no Palácio do Alvorada.

“O presidente interrompeu sua produção acadêmica há 20 anos, quando enveredou para a política”, diz Sader. “Foi um corte na sua trajetória intelectual. Impediu, por exemplo, que ele fizesse um balanço da sua teoria sobre o autoritarismo, desenvolvida em meados dos anos 70 e apenas publicada em artigos da imprensa alternativa, durante o regime militar. Feita a transição democrática, esse balanço seria muito útil para ele, hoje”, acredita.

Hostilidades do meio acadêmico não são novidade para Fernando Henrique. No final de 1994, o en-

tão candidato ao Planalto foi ao Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap) – que concebeu e ajudou a fundar em 1968 – mas encontrou uma platéia dividida. O então presidente do Cebrap, economista Francisco de Oliveira, eleitor de Luís Inácio Lula da Silva, recusou-se a recebê-lo.

Com uma história de resistência à ditadura e ainda hoje um centro de excelência nas ciências sociais, o Cebrap fará 30 anos em 1998. Fernando Henrique deverá estar em plena campanha pela reeleição. Mas a festa não será a mesma sem sua presença, concordam, por motivos opostos, amigos e adversários.

“As tensões entre a política e as ciências sociais serão eternas”, diagnostica o sociólogo Sérgio Adorno, hoje secretário executivo da Anpocs. Quando surgiu, há 20 anos, essa que é a maior associação de cientistas sociais da América Latina não passava de um pequeno grupo de intelectuais do Rio de Janeiro, entre eles o cientista político Wanderley Guilherme dos Santos e o antropólogo Gilberto Velho. Francisco Weffort, hoje ministro da Cultura, foi o primeiro presidente e nomes como Vilmar Faria, Juarez Lopes Brandão e Aspásia Camargo, seus sucessores, integram o rol de cientistas sociais que Fernando Henrique levou para o governo.

Com uma diretoria de tintura

social-democrata e bases tendendo para o PT, a associação já incorporou os conflitos. Em 1995, a presidente do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, Rosiska Darcy de Oliveira, foi vaiada e desacatada quando disse que “o aborto não é consenso na sociedade brasileira”. No ano passado, as rugas ficaram por conta do sociólogo Octávio Ianni, ex-amigo e parceiro de Fernando Henrique nos trabalhos acadêmicos, e do professor de filosofia José Arthur Gianotti, amigo até hoje. Discutiam políticas sobre bolsas de pesquisa, quando a conversa desandou para a universidade no governo tucano. Gianotti e Ianni, que em 1969 tiveram os direitos políticos cassados pelos militares na mesma leva que atingiu Fernando Henrique, tiveram um constrangedor bate-boca.

Este ano, a pauta do encontro da Anpocs promete debates acalorados. Entre os temas previstos, há uma grande discussão sobre o Plano Nacional de Direitos Humanos, articulado pelo cientista social Paulo Sérgio Pinheiro e aprovado no ano passado por Fernando Henrique.

Um dos debatedores, James Cavallaro, da organização não governamental Human Rights Watch/Americas, pretende sair de Caxambu com pelo menos uma dúvida esclarecida: por que este governo ainda permite que o Brasil seja conhecido como o país das chacinas?